

*O Sol ainda não nascera. O mar apenas se distinguia do céu pelo leve pregar das águas, semelhante a um tecido finamente enrugado. Lentamente, à medida que o céu clareava, uma barra de sombra desceu no horizonte, separando o céu do mar, e o grande tecido cinzento ficou marcado por grossas linhas que se agitavam sob a superfície, perseguindo-se num ritmo infindável.*

*Ao aproximarem-se da praia, as ondas erguiam-se, tomavam forma e desfaziam-se arrastando pela areia um ténue véu de espuma branca. A ondulação detinha-se, partia de novo, suspirando como alguém que dorme e cujo sopro vai e vem sem que a sua consciência o saiba. Pouco a pouco, a barra escura do horizonte clareou como as impurezas de um vinho antigo que se depositassem na garrafa, deixando transparecer o seu vidro. Lá ao fundo, também o céu se tornou translúcido, como se nele se houvesse desprendido um sedimento branco, ou o braço de uma mulher reclinada no horizonte erguesse ao alto uma lâmpada. Faixas de branco, amarelo e verde alongaram-se sob o céu como longas folhas de um leque. Depois a mulher ergueu a lâmpada ainda mais alto; o ar inflamado pareceu cindir-se em fibras vermelhas e amarelas, elevando-se da superfície verde num frémito ardente, como as chamas envoltas em fumo de uma fogueira. Pouco a pouco, todas as fibras se fundiram numa única massa incandescente e o cinzento do céu transformou-se num milhão de átomos de um suave azul. A superfície do mar tornou-se transparente e as grandes linhas escuras quase desapareceram no ondular das águas e na sua cintilação. O braço que sustinha a lâmpada continuou a subir devagar até que uma grande labareda surgiu.*

*Um disco de fogo ardeu no rebordo do horizonte e o mar à sua volta tornou-se um esplendor de ouro.*

*A luz feriu as árvores no jardim, e as folhas agora transparentes iluminaram-se uma a uma. Um pássaro cantou alto. Houve uma pausa. Depois outro pássaro retomou, mais baixo, o mesmo canto. O Sol deu contornos às paredes da casa e poisou como a ponta de um leque numa persiana branca, deixando uma dedada de sombra azul sob a folhagem próxima da janela de um quarto. A persiana estremeceu ao de leve, mas dentro de casa tudo permaneceu vago e sem substância. Lá fora, os pássaros cantavam as suas melodias vazias.*

— Vejo um anel, disse Bernard, suspenso por cima de mim. Tremula e balança num laço de luz.

— Vejo uma faixa de amarelo pálido, disse Susan, alongando-se ao encontro de um risco violeta.

— Ouço um ruído, disse Rhoda. Chip... Chap... Chip... Chap... sobe e em seguida volta a descer.

— Vejo um globo, disse Neville. Suspenso como uma pequena gota de água dos imensos flancos de uma colina.

— Vejo uma borla vermelha entrelaçada com fios de ouro, disse Jinny.

— Ouço qualquer coisa a bater, disse Louis. A pata de um grande animal acorrentado. A bater no chão, a bater no chão...

— Olhem a teia de aranha no canto da varanda, disse Bernard. Há nela gotas de água suspensas, brancas pérolas de luz.

— As folhas encostam-se à janela como orelhas pontiagudas, disse Susan.

— O braço dobrado de uma sombra cai sobre a vereda, murmurou Louis.

— Ilhotas de luz navegam entre os ramos e flutuam sobre a relva disse Rhoda.

— Os olhos dos pássaros brilham no fundo das grutas abertas na folhagem, disse Neville.

— Os caules estão cobertos de uma penugem áspera, onde há gotas de água suspensas, disse Jinny.

— Uma lagarta enrolada parece um anel verde em que as patas são entalhes, disse Susan.

— O caracol arrasta a casca cinzenta ao longo do carreiro, pisando as ervas à sua passagem, disse Rhoda.

— Os reflexos do sol que se desprendem dos vidros dançam na relva, disse Louis.

— Sob os meus pés sinto as pedras frias, disse Neville. Sinto cada uma delas, angulosa ou redonda.

— Tenho as costas da mão a arder, disse Jinny. Mas a palma da mão está húmida, molhada pelo orvalho.

— O galo está a cantar, disse Bernard. Canta como um jorro de água vermelha e dura contra a brancura da manhã.

— Os pássaros voam à nossa volta, cada um com o seu canto, disse Susan.

— O animal continua a bater com a pata; o elefante acorrentado; a fera continua a desferir enormes patadas na praia, disse Louis.

— Olhem, disse Jinny. Há persianas brancas em todas as janelas da casa.

— A água fria da torneira começou a cair sobre o peixe no alguardar da cozinha, disse Rhoda.

— As paredes estão revestidas de ouro e a sombra das folhas põe dedadas azuis perto das janelas

— Agora Mrs. Constable começou a puxar para cima as suas grossas meias pretas, disse Susan.

— Quando o fumo se ergue, o sono eleva-se do telhado como uma ténue neblina, disse Louis.

— Primeiro, os pássaros cantaram em coro, disse Rhoda. Depois alguém abriu a porta da despensa. Os pássaros voaram, dispersos como um punhado de sementes lançado ao vento. Mas há um que ficou a cantar sozinho na janela do quarto.

— Bolhas formam-se no fundo da panela, disse Jinny. Depois sobem cada vez mais depressa, numa cadeia de prata.

— Biddy arranca as escamas dos peixes com uma faca dentada, em cima da tábua de cozinha, disse Neville.

— A janela da sala de jantar ficou azul-escura, disse Bernard, e o ar ondula por cima da chaminé.

— Há uma andorinha poisada no fio da eletricidade, disse Susan. Biddy lançou o balde de água nos ladrilhos da cozinha.

— Ouçam a primeira badalada do sino da igreja, disse Louis. — Depois, as outras: um, dois; um, dois.

— Olhem a toalha toda branca a esvoaçar sobre a mesa, disse Rhoda. Em cima da toalha, em cada lugar, há um círculo branco de louça, e ao lado riscos de prata.

— Uma abelha zumbe perto do meu ouvido, disse Neville. Está aqui; já passou.

— Ardo e tremo, disse Jinny, quando saio do sol para me abrigar à sombra.

— Agora já se foram todos embora, disse Louis. Estou completamente só. Foram para dentro de casa, tomar o pequeno-almoço e eu fiquei parado, junto ao muro, no meio das flores. É muito cedo, não são ainda horas de ir para as aulas. Cada flor é uma mancha clara na profundidade verde. As pétalas são arlequins. Os caules erguem-se das cavidades negras. As flores nadam como peixes luminosos em sombrias águas verdes. Tenho na mão o caule de uma planta. Eu sou esse caule. As minhas raízes mergulham na profundidade do mundo, através da argila seca e da terra húmida, atravessando veios de prata e chumbo. O meu corpo é uma fibra vegetal. Todos os tremores se repercutem em mim, e sinto nas minhas costas o peso da terra. Lá em cima, os meus olhos são verdes folhas cegas. Sou uma criança vestindo calções de flanela e com o cinto apertado por uma serpente de bronze. Lá em baixo, os meus olhos são os olhos sem pálpebras de uma estátua de pedras num deserto do Nilo. Vejo mulheres que passam, transportando cântaros vermelhos, em direção ao rio; vejo o passo oscilante dos camelos e homens com turbantes. Ouço à minha volta os passos, o frémito, a agitação.

Aqui perto de mim, Bernard, Neville, Jinny e Susan (mas Rhoda não) afloram os canteiros com as suas redes. Apanham borboletas nas corolas recurvas das flores. Acariciam a superfície do mundo. Têm as redes cheias de asas palpitantes. Põem-se a gritar: «Louis! Louis! Louis!» Mas não podem ver-me. Estou do outro lado da sebe. Entre as folhas, só há pequenas aberturas para espreitar. Oh, meu Deus, fazei com que se vão embora! Oh, meu Deus, fazei com que poísem no chão as borboletas dentro de um lenço! Deixai-os contar as suas borboletas-tartarugas, as suas almirantes vermelhos, as suas borboletas brancas! Deixai-me, porém, permanecer invisível! Sou verde como um teixo à sombra da sebe. O meu cabelo é feito de folhas. As minhas raízes estão no centro da terra. O meu corpo é um caule. Aperto o caule. Uma gota sai da minha boca, vagarosa e den-